

## O TEMPO CONDICIONAL: QUESTÕES DE IDENTIDADE EM LÍDIA JORGE E HELDER MACEDO

Jane Tutikian<sup>1</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 04/08/2014 a 31/10/2014

**Data de aceite:** 10/11/2014

Louco sim louco porque quis grandeza, o Desejado,  
O Encoberto...tudo. É a identidade nacional.  
(Helder Macedo)

Não exageremos. No século XVI fomos os primeiros  
a dar a volta ao mundo..." - disse um lojista emparvecido  
com aquele movimento.  
(Lídia Jorge)

**Resumo:** Este artigo estuda a obra de dois grandes escritores portugueses: Lídia Jorge e Helder Macedo, analisando a forma como trabalham a identidade. Ambos revisam a História através da literatura. Ambos põem em evidência todo o imaginário nacional que, ao longo da História, formou as configurações culturais de Portugal e do homem português, e o desconstruem. Seus textos passam a constituir modelos de interpretação do passado para que se possa entender o presente e construir futuros. A construção de uma nova percepção das circunstâncias e das pessoas.

**Palavras-chave:** Lidia Jorge; Helder Macedo; História; ficção; dialogismo; identidade.

**Abstract:** This article examines the literary work of two great Portuguese writers, Lidia Jorge and Helder Macedo, analyzing how they work with portuguese identity. Both revise critically the history through literature. Both highlight the entire national imaginary that, throughout history, has formed the cultural settings of Portugal and the Portuguese man and deconstruct it. Their literary work are models of interpretation of the past so that we can understand the present and build the futur. Their literary work represent a construction of a new perception of circumstances and people.

**Keywords:** Lidia Jorge; Helder Macedo; History; fiction; dialogism,;identity.

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Pensando a História, a identidade e as narrativas**

*Saber-se quem* tem sido o grande desafio do homem ao longo de sua história, desde que o homem é homem, em qualquer lugar do mundo. Mais ainda, saber de seu espaço é *saber-se quem*, na medida mesmo em que é da natureza do bicho homem marcar território como forma também de justificar a sua existência. E, mais do que mais ainda, maior o desafio de *saber-se quem* quando mudam-se os tempos - tidos e havidos - os da modernidade, e instauram-se os carregados de crises, de desafios, de solidão, impregnados do outro, e da substituição dos valores humanos pelos de mercado. E o futuro chega sem que tenhamos dado conta do presente e do passado.

O impacto global, diante da quantidade de informação, do dinamismo, do grande jogo da cultura de risco e, sobretudo, na presença da alteridade, reflete sobre a tradição, obrigando ao estabelecimento de uma espécie de *identidade relacional*, como quer Álvaro Campelo.<sup>2</sup>

A busca da identidade, nesse fim/início de século, passa, então, pela recuperação de certos valores de raízes específicas, seja para resgatar a tradição, seja para tentar construir uma nova tradição, no mundo novo, no multiculturalismo, no fascínio da magia das tecnologias científicas.

Nesse sentido, o panorama geral da literatura portuguesa nos mostra que sua grande marca tem sido o diálogo com a História. De um lado, há certa quantidade de escritores instalados dentro da relação tradicional e, de outro, na relação de leitura crítica, de subversão da História, essa História complexa que, segundo Helder Macedo (2009), revela-se pelo movimento pendular entre uma idéia excessiva de grandeza e um sentimento excessivo de decadência. E,

---

<sup>2</sup> Segundo Campelo, em *Pós-colonialismo e identidade*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998, as identidades são construções históricas praticadas na capacidade de coerência e de segurança que fornecem aos cidadãos e às culturas. Nesse sentido, a acreditação e comunicação da identidade passa pela capacidade que revela de ser relacional, possibilitando a abertura ao outro, embora sabendo-se quem.

mais ainda, uma História que enfrenta duas revoluções simultâneas: a dos Cravos e a globalização. Para Macedo, “talvez que os escritores portugueses estejam confrontando de um modo particularmente evidente, porque concentrado num pequeno país com uma longa História, uma problemática comum a outros países europeus.”<sup>3</sup>

Assim, além da leitura da História para “libertação” do presente, e da inclusão do ponto de vista dos excluídos, além da reavaliação da História imediata, do Salazarismo, da Revolução, da Colonização e da Descolonização, acresça-se, nesse diálogo/confronto este outro tempo, o nosso, como um desafio a mais na construção/ /desconstrução/reconstrução do processo identitário. É o que este trabalho pretende analisar nos textos ficcionais de Helder Macedo e de Lídia Jorge.

### **Quando tudo é nada: a imobilidade**

Se a década de 70 é uma década de grandes mutações no campo ideológico, em que a falência da utopia se afirma; no campo científico e tecnológico, com o alarme de iminente perigo nuclear, civil ou militar; no campo da eletrônica e da informática, que transformam os Estados Unidos em uma nação hegemonicamente cultural; é também a década marcada pela “reivindicação, mesmo sob aspectos quiméricos, de múltiplas identidades culturais”<sup>4</sup>. De acordo com Eduardo Lourenço, “a década de 70, como nenhuma outra, mostrou a que ponto ‘a cultura’ não é apenas o verniz e o luxo neutros de uma sociedade, mas o seu cartão de identidade”<sup>5</sup>.

Nesse contexto, a partir de 74, Portugal rompe com o discurso do totalitarismo e com a ilusão da grandeza do Estado Novo, voltando-se para a

---

<sup>3</sup> Jane Tutikian entrevista Helder Macedo. *Conexão Letras*, Porto Alegre, Nova Prova, n.4, p. 95, 2009.

<sup>4</sup> LOURENÇO, Eduardo. *A Europa desencantada. Para uma mitologia européia*. Lisboa: Visão, 1994.p. 32

reabilitação dos valores nacionais e da cultura portuguesa. O discurso que, então, se evidencia, é o discurso antiépico, marcado pela busca da identidade. Se o nacionalismo está na raiz de tudo na cultura portuguesa, agora o discurso laudatório e messiânico recompõe-se como discurso crítico. É resultado da “repensagem da história portuguesa em revisão de sua existência”, a que alude Maria de Lourdes Netto Simões<sup>6</sup>. Aí, a proposta maior de Lídia Jorge e de Helder Macedo.

Lídia Jorge promove a mitologização da História quando, revolvendo as visões míticas, as imagens espontâneas, portadoras de um caráter reflexo, cria sua própria mitologia a partir de materiais históricos, provocando a exageração da experiência cotidiana. Longe do caráter apologético, o mito é tomado como fator de desmascaramento, mas é também fator de desvendamento de princípios imutáveis localizados entre o cotidiano empírico e as mutações históricas, criando, no texto ficcional, espaço de reflexão e denúncia. O texto de Lídia Jorge, assim como o de Helder Macedo, ultrapassa os limites ficcionais para a colocação de teses históricas dialeticamente pensadas.

*O dia dos prodígios* pode ser traduzido como metáfora ou alegoria dos acontecimentos anteriores e posteriores à Revolução de Abril. Como o povo mítico de Vilamaninhos, parcela significativa do povo português não chegou a reconhecer o momento histórico que vivia, não entendeu a mensagem trazida pelos soldados da Revolução, do mesmo modo como aqueles não entenderam o milagre que eles próprios representavam, a exemplo da cobra voadora. A autora propõe, por meio de uma simbologia mítica, a leitura crítica

---

<sup>5</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>6</sup> SIMÕES, Maria de Lourdes Netto et alii. *Temas portuguesas e brasileiros*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.p. 600

de uma parte da História portuguesa, em que rompe de vez definitiva com o grande mito de uma solução salvadora exterior, “caída” do céu, não buscada.

É de *O dia dos prodígios* a citação que se segue: “Ninguém. Ninguém se liberta de nada se não quiser libertar-se. E ainda disse. Mas aqui. Aqui ficam todos pelo desejo das coisas.”<sup>7</sup> (Jorge, 1990:203). Nesta obra, tudo funciona como duplicidade paralela, há a História e a história. As personagens são os portugueses, atores de uma História que não foi contada – a Revolução dos Cravos e suas conseqüências – senão através de uma história/parábola – *O dia dos prodígios* – “o breve tempo de uma demonstração”, em que desempenham um papel, portanto representação de si mesmos, estabelecendo a relação entre a arte e o real.

*O cais das merendas*, por sua vez, traz em seu substrato a idéia de condição de marginalidade de Portugal em relação à Europa e à própria América. Lídia Jorge nos coloca diante de uma história centrada entre o real e o irreal na experiência de um povo sem memória e sem identidade próprias. Seu herói é um Sebastião Guerreiro, que encontra no contato fácil com o estrangeiro a forma de sobreviver, numa alusão irônica e melancólica ao outro Sebastião. É a crítica ao processo de aculturação sofrido por um Portugal peninsular e periférico, marginal, na condição de nação abandonada por uma Europa madrasta.

Nesse sentido, *O cais das merendas* não é senão a crônica histórica de um povo que atinge o limiar do esquecimento de si próprio, um povo aldeão que procura e ao mesmo tempo perde a sua identidade ao ser transplantado, carnavalescamente, para um meio cosmopolita, onde há o desenraizamento cultural.

---

<sup>7</sup> JORGE, Lídia. *O dia dos prodígios*. 6.ed. Lisboa: Europa-América, 1990. p. 203.

Lídia Jorge desmitifica e dessacraliza o espaço e subverte os elementos tradicionais, colocando à mostra a fragilidade do processo identitário quando circunscrito a uma nova dependência cultural, dicotomizando autoafirmação e autonomia, voltando-se, essencialmente para o consumo ilimitado. A tópica do equívoco da própria concepção revolucionária, já aludida em *O dia dos prodígios*, desloca-se para o ambiente urbano em *Notícia da cidade silvestre*<sup>8</sup>, apreendendo, na transição do longo ciclo histórico do fascismo à Revolução, o confronto entre o homem novo que de fato produz e aquele que deveria produzir. O que se evidencia, paralelamente ao esforço de construção da democracia, é a degradação política, social e interpessoal, é todo um questionamento existencial voltado para a redefinição do próprio espaço, um espaço marcado pelo fim das utopias e dos mitos, no final da década de 70, pela crise geral de valores que traz consigo a crise da identidade.

A década de 80, por sua vez, num panorama geral, revela-se como a década da grande ruptura de uma herança histórica sacralizada. A História se modifica pela derrocada ideológica do mundo comunista. A Geografia restaura-se por um novo mapa geopolítico. A reunificação da Alemanha, as primeiras eleições livres nos países do leste, o PCI mudando de nome, nada disso deixa transparecer grandes mudanças em um Portugal, que luta com seus problemas internos. A modernização social choca-se com crescentes dificuldades financeiras e com a desorganização de uma sociedade expropriada e dotada de liberdade civil antes da econômica, permanecendo a desigualdade, acrescida da reabsorção dos retornados e desalojados da África, da baixa escolarização, do atraso industrial. E o tempo crítico se coloca entre 1976 e 1985. É evidente, também, que a entrada de Portugal na Comunidade Européia (1985) causou um choque profundo na economia e na sociedade portuguesas.

---

<sup>8</sup> JORGE, Lídia. *Notícia da cidade silvestre*. 6.ed. Lisboa: Europa-América, 1984.

Culturalmente, a década de 80 traz consigo uma geração que se revela oposição à geração de 60. Distancia-se dos temas e paixões do 25 de Abril, desconfia do social, das ideologias que o cercam e do coletivo, colocando em seu lugar a confiança nas instituições, no mercado e no indivíduo. É a emergência do individualismo e do narcisismo contemporâneos, do hedonismo e da permissividade. Observemos, entretanto, que a comunidade como vivência coletiva perde seu lugar, mas não se perde um certo consenso de portugalidade e de identidade nacional. Por outro lado, a Revolução Cultural que se desenhara com a Revolução não se concretiza. Não há, nessa década, movimentos culturais substantivos, mas personalidades dispersas.

Se a vaga de emigrantes dos anos 60 tornou a Europa “uma espécie de Estados Unidos ao pé da porta”, como afirma Eduardo Lourenço<sup>9</sup>, desmitificando a Europa imaginária, mais tarde o grande turismo de massa e a globalização trazem não só a Europa, mas o mundo, e Portugal se depara com o multiculturalismo. O imperialismo americano é de um outro tipo, embora se reciclem nele mitos, imagens, discursos. É o imperialismo cultural, uma cultura que impõe, vendendo a mitologia democrática e o utopismo igualitarista e fraternal.

Aqui, encontramos-nos com *O jardim sem limites*<sup>10</sup>, cuja personagem central é o português da “Geração do Vazio”, os jovens sem rosto próprio e sem identidade, frutos da globalização e do multiculturalismo que, a exemplo dos habitantes de *O cais das merendas*, mas por razões outras, rompem com o passado, mas não têm espaço para agir porque “a vida estava pronta”.

É a primeira geração posterior ao 25 de Abril, uma geração que se depara com um não saber-se. Quando o mundo passa a ser determinado pela

---

<sup>9</sup> LOURENÇO, Eduardo. *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*. Lisboa: Visão, 1994. p. 141

<sup>10</sup> JORGE, Lídia. *O jardim sem limites*. Lisboa: Europa-América, 1995.

idéia pragmática de economia, quando, de fato, já não existem sistemas isolados, mas receptores de acontecimentos e ideologias provenientes de vários centros de irradiação, compreender qual o sentido do homem nesse específico tempo histórico num país que não se configura como uma sociedade de consumo forte nem como tecnologicamente avançada, eis o que aí se propõe. Temos diante de nós o homem português do nosso tempo, com seus problemas, seu caos, sua devoração e asfixia causadas pelas contradições múltiplas.

Aí, retomando a mitologização do séc. 20, Lúdia Jorge abre a possibilidade de "diálogo franco com a História"<sup>11</sup>, alinhavado pela descrença na marcha da civilização. É o anti-historicismo, que Mielietinski (1987) toma de P.H. Rhav, segundo o qual, a consciência da crise da sociedade e da civilização, vincula-se à história nacional e aos costumes do seu tempo, expressando o medo e a desconfiança. E o mito desmascara o funcionamento social, e desvenda os princípios imutáveis, revisando criticamente o sistema como um todo. É como Lúdia Jorge trabalha a mitologização para encaminhar à desmitologização, através de teses históricas dialeticamente pensadas.

Agora, o espaço é a Casa da Arara. Interessante observar, aqui, que a casa como constituição alegórica e simbólica da identidade nacionais é recorrente na obra de Lúdia Jorge. Como bem observou Fornos, "diferentes etapas históricas de Portugal, podem ser observados na "Casa do Leborão", na "Casa da Arara" e na "Casa de Valmares", respectivamente presentes em *A última dona*, *O jardim sem Limites* e *O vale da paixão*. Podemos acrescentar, embora sem receber nomeação própria, a casa onde residem as personagens Carminha Palha e sua mãe, de *O dia dos prodígios* e, mesmo, o ateliê onde vive Júlia Grei, local de partida para a reconstrução da identidade da jovem, em

---

<sup>11</sup> Expressão usada por MIELIETINSKI, em *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.



*Notícia da cidade silvestre.*”<sup>12</sup> Ou, ainda, o edifício Goldini, em *Combateremos a sombra*<sup>13</sup>, onde se localiza o consultório do Dr. Orlando, e onde as histórias dos pacientes vão sendo urdidas.

Em *O jardim sem limites*, lançando mão da menipéia e da publicística, a autora joga um narrador homodiegético no centro de um microcosmo - a Casa da Arara, uma casa de propriedade de remanescentes da Revolução, em que se alugam cômodos para jovens - de onde vai observar e narrar dois núcleos: o de 60 (os Lanuit) e o de 80 (os jovens). Historicamente gerações em confronto. A primeira, a da utopia, a do social, a do coletivo. A segunda, afastada do 25 de Abril e das suas paixões, é individualista, colonizada por uma cultura mediática massificante.

É como Lídia Jorge nos coloca diante de uma devoração de tempo e espaço. As personagens são marginalizadas e se automarginalizam, há a solidão dos jovens e dos velhos, o esvaziamento de significação do passado, do presente e do futuro já que, como quer Kenneth Burke (1969) essa solidão não é de natureza, mas de forças sociais e, nesse contexto em que se perde a identidade, *ser é ser semelhante a*.

Como não há possibilidade de recuperação do passado, e como não há valores históricos para colocar no seu lugar, as imagens nacionais produzidas são um nada, há, então, a busca da imagem nos mitos hollywoodianos:

De resto, ali estavam os cabelos revoltos de Gamito a quem chamavam Burt Lancaster, além da cara alongada de Osvaldo a quem chamava Al Pacino. Junto da maviola encontrava-se Falcão de quem não conhecia a alcunha, e encostado à porta,

---

<sup>12</sup> FORNOS, José Luís Giovanni. Lídia Jorge: territórios da paixão e da escrita. *ABRIL – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 2, n° 2, Abril de 2009. p. 58

<sup>13</sup> JORGE, Lídia. *Combateremos a sombra*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

estava César, de nariz em forma de faca, também chamado por isso de Dustin Hoffman.<sup>14</sup>

Leonardo, o *static man*, é Robert de Niro, e Falcão, afilhado mental de Orson Welles.

Quando os garotos assumem o nome dos artistas de cinema, fazem a apropriação simbólica da identidade, da língua, do discurso e do comportamento do outro. É a escolha feita na cultura mosaico que têm à sua frente, mas também na imposição americana, desde os anos 50, de sua presença e da essência da sua cultura a todos os países tendo na indústria cinematográfica sua grande difusora.

Assim, numa cultura colonizada, ser o outro é o mesmo que ser superior, logo, a imagem é superação do eu e submissão ao estereótipo. É a descrição metafórica de uma sociedade despreparada para um outro tempo e sem auto-estima.

Tenta-se transformar o feito do Static Man, o recorde de imobilidade, em um feito coletivo, “Isto é, o rapaz de branco, de longos cabelos empastados em **color cream**, não era um palhaço, era um atleta a treinar-se para o Guinness Book. “Ah! Assim, sim! Já teremos alguma vez batido um record mundial?” Não, ninguém se lembrava.”<sup>15</sup>

O que se abala quando o jovem recusa o recorde:

“De novo o nosso país não vai ganhar! Não vai entrar na corrida dos primeiros...” [...] “Quer dizer que não vai constar do livro? Se não vai constar do livro, não consta da História, naturalmente!” Não era fácil compreender o que se passava e até a frase estivesse mal escrita “Ouça, menino, pedimos-lhe que aceite! É a nossa vida também que fica em causa[...]”<sup>16</sup>

<sup>14</sup> JORGE, Lúcia. *O jardim sem limites*. Lisboa: Europa-América, 1995. p. 13

<sup>15</sup> JORGE, Lúcia. *O jardim sem limites*. Lisboa: Europa-América, 1995. p. 175,176

<sup>16</sup> Idem. p. 326

É o coletivo que se abala pela recusa do recorde: significa mais uma perda para uma história nacional.

O livro constitui um labirinto que se vai construindo em espiral e o fio de Ariadne, é dado à narradora que vai buscando o sentido a partir do mapa da parede, através da associação de diferentes pedaços da realidade. Para afirmar adiante: “Limitei-me a assistir para conhecer. Não sou culpada.”<sup>17</sup> O que se recolhe deste conhecimento é um homem português sem saída, com seus problemas e sua asfixia causados pelas contradições de toda a ordem.

Na verdade, o labirinto do séc. 20 dá forma à angústia humana, à condição humana problemática. O ilimitado do jardim, aqui, é apenas a possibilidade, mas a possibilidade não admite perfeição. Sob outro prisma, chegamos à questão da imobilidade portuguesa, da estagnação e do aprisionamento ao passado glorioso que, ao longo da sua história literária, tem sido tema recorrente. A imobilidade – tal qual se lê em *O jardim sem limites* – levada ao extremo, é a morte.

*O vento assobiando nas gruas*<sup>18</sup> e *Combateremos a sombra* também dialogam com este tempo. No primeiro, como bem observa Carlos Reis “germinam fenómenos contraditórios que o fim de século português e multicultural incentiva: o sucesso musical de Janina Mata King, a fama interposta pela televisão, o tráfico de droga, etc.”<sup>19</sup> No segundo, *Combateremos a sombra*, quem deita no divã do Dr. Osvaldo Campos, através de seus pacientes, é um Portugal desencantado com o que percebe ser.

---

<sup>17</sup> Idem. p.325

<sup>18</sup> JORGE, Lídia. *O vento assobiando nas gruas*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

<sup>19</sup> REIS, Carlos. Lídia Jorge: Em busca do final feliz. Trabalho de casa. In: *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano XXIII / número 858. De 20 de agosto a 2 de setembro de 2003. p. 20

É como que Lúdia Jorge desmistifica e dessacraliza o espaço e subverte os elementos tradicionais, colocando a mostra a fragilidade do processo identitário circunscrito a uma nova dependência social e cultural.

### **Quando tudo e nada andam juntos: o nevoeiro**

Desde *Partes de África*<sup>20</sup>, a identidade tem sido um tema recorrente na obra de Helder Macedo. Aí, neste primeiro livro pós-colonialista escrito em Portugal, o autor, através de um narrador não digno de confiança, constrói uma estrutura híbrida e fragmentada, estabelecendo um discurso ponte entre a tradição literária e a inovação.

Este mesmo narrador/autor desenha a própria “cartografia de uma identidade portuguesa”<sup>21</sup>, e o faz na medida mesmo em que transforma o objeto no qual se busca – as fotos da parede da casa paterna, em Portugal – na busca de si, ”<sup>22</sup> nos tecidos da rememoração. Trata-se de “ um condutor biograficamente qualificado das suas factuais ficções”. Ciente de que “ninguém voltou a existir por escrever nem por ser escrito”, revolve o processo colonialista, a estagnação e a decadência do Império. Esta cartografia desenha novo território: o da definição da identidade como um processo dinâmico, inacabado, a existir por infindável construção.

*Partes de África* surge num período de transição entre o que Portugal tinha sido e o que desejava ser. Segundo Helder Macedo, “nas zonas intervalares onde os valores absolutos se relativizam é onde as identidades circunstanciais se definem. Nunca ninguém é como foi nem como vai ser, só

---

<sup>20</sup> MACEDO, Helder. *Partes de África*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

<sup>21</sup> Referência ao título do artigo de Isabel Gould, “Partes de África: cartografia de uma identidade cultural portuguesa. Publicado na *Luso-Brasílian Review* – v. 42, n1, 2005, pp232-234

<sup>22</sup> Referência ao título do artigo de Isabel Gould, “Partes de África: cartografia de uma identidade cultural portuguesa. Publicado na *Luso-Brasílian Review* – v. 42, n1, 2005, pp232-234

pode ser como está sendo, mesmo quando não dá por isso.”<sup>23</sup> Nesse sentido, *Partes de África* e *A Costa dos Murmúrios* são paradigmáticos.

Ainda dentro do período histórico da transição, obra significativa é *Pedro e Paula*<sup>24</sup>, que, para dar visibilidade ao antes e depois da Revolução dos Cravos, tece, com maestria, o destino dos gêmeos. Faz de Paulo um alienado opressor satisfeito com sua própria alienação, mas faz de Paula [e este parece ser o papel reservado às mulheres do escritor], a possibilidade da mudança, personificando o desassossego potencialmente libertador. Quer dizer, os gêmeos representam a geração portuguesa do pós-guerra: Pedro, conservador, é o velho Portugal de estruturas políticas e sociais fechadas, colonialistas; Paula, por sua vez, é o novo Portugal, aquele aberto ao movimento de mudança.

A mulher e a História voltam na grande alegoria que é *Sem Nome*<sup>25</sup>. Falar da identidade de Júlia, é o mesmo que falar da geração produzida pela Revolução. Do ponto de vista do tempo, o mesmo de *O Jardim sem limites*, mas de uma outra perspectiva; lá, os fantasmas exteriores, construídos; aqui, os do passado, herdados. O reconhecimento que Júlia faz de si mesma passa pelo conhecimento da História recente de Portugal, e pela mesma compreensão da construção/desconstrução das identidades, respaldada pela ambivalência real/imaginário. “A sua mentira tornou-se numa falsa verdade que, por poder ser assumida como verdadeira, simultaneamente se torna libertadora dos fantasmas do passado e torna possível um futuro libertado desses fantasmas. Mas isso é a natureza da História, não é? O que geralmente se entende como História não é a História como aconteceu, é a escrita da História, é uma ficcionalização do passado da perspectiva do presente.”, afirma Macedo.<sup>26</sup> Assim, Júlia, através

---

<sup>23</sup> Jane Tutikian entrevista Helder Macedo. *Conexão Letras*, Porto Alegre, Nova n.4, p. 97, 2009.

<sup>24</sup> MACEDO, Helder. *Pedro e Paula*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

<sup>25</sup> MACEDO, Helder. *Sem nome*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

<sup>26</sup> Tutikian entrevista Helder Macedo. *Conexão Letras*, Porto Alegre, Nova n.4, p. 100, 2009.

da sua mentira, conseguiu encontrar uma verdade própria que se tornou na sua própria verdade, ou seja, a sua identidade pessoal e social.

*Natália*<sup>27</sup>, romance-diário de 2008, se insere na mesma linhagem, quando seu eixo propulsor configura-se na pergunta “Quem sou eu?”, pergunta esta que determina a percepção de vida e imaginação de uma jovem mulher, órfã de pai e mãe, assassinados na Argélia pouco antes de 1974 pela polícia secreta portuguesa e criada pelos avós.

É, entretanto, em *Vícios e Virtudes*<sup>28</sup>, que a criação de Helder Macedo expõe de forma mais completa e aberta a experiência da identidade nacional. Nesse sentido, independente das marcações temporais de sua produção, constitui o epicentro de sua obra.

Helder Macedo, com seu narrador principal - de uma multiplicidade de pontos de vista - partícipe inteiro do texto que se constrói, um escritor/historiador, privilegiado intelectual de olhar acintosamente crítico e irônico, arquiteta o romance a partir de uma idéia de livro, que serão livros- "AlterIdades" de Francisco de Sá e "Vícios e virtudes" do segundo autor/narrador, que confunde-se com o próprio Helder-, sobre uma Joana, que se faz duas, e seus mistérios. Um jogo em torno de convergências e ambigüidades que leva o autor a perguntar: ..."isto afinal é um romance histórico, uma história de fantasmas, uma ópera ou uma novela policial?"<sup>29</sup>

O romance traz uma estrutura observada por Teresa Cristina Cerdeira como especular: “em que amor e morte, perdas e ganhos, verdades e traições, vícios e virtudes aparecem lado a lado, como as necessárias faces de uma moeda ou como o verso e o reverso das cartas do baralho...”<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> MACEDO, Helder. *Natália*. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

<sup>28</sup> MACEDO, Helder. *Vícios e Virtudes*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>29</sup> Idem. p.147

<sup>30</sup> CERDEIRA, Teresa Cristina. In: Contracapa de MACEDO, Helder. *Vícios e Virtudes*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Às colocações de Cerdeira, acrescentamos os dois principais eixos formadores da diegese: Joana da Áustria, quinhentista, - a mãe de D. Sebastião, de um lado, de outro, simplesmente Joana, a reencarnação da primeira ou a "revolucionária capitalista", pós-moderna. É o desenvolvimento paralelo da história de duas mulheres - querendo ser uma - em dois tempos diferentes. É a partir das Joanas - convergências -, que a especularidade se estende: D. Sebastião, filho da Joana da Áustria, de um lado, o grande ausente, de outro, o menino morto, filho da Joana, a outra, a pós-moderna, cuja morte anuncia na hora do ato amoroso e, de cuja existência se duvida.

Em outras palavras: tempo *versus* tempo; século 15 *versus* século 20; passado *versus* presente; tradição *versus* globalização, e a grande tese que aí se defende é a destruição da correspondência secular entre o sebastianismo e a identidade nacional:

Louco sim (diz o primeiro escritor) louco porque quis grandeza, o Desejado, o Encoberto...Tudo. É a identidade nacional.

E o segundo:

Tocou-me numa das minhas fobias, estou farto dessa, dos que falam da identidade nacional como se fosse gente:

"Uma ova. Uma ova a identidade nacional, não há tal coisa. Há pessoas e circunstâncias. Mudam umas, mudam as outras, muda a identidade nacional. E se muda já não é a mesma, deixa de ser o que era, de modo que não há."

O primeiro:

"Então, pá, até há livros sobre isso! Tens cada uma!"

A que o segundo responde:

"Pois há. Mas a dizer tudo ao contrário. O sim pelo não e o não pelo sim."<sup>31</sup>

É por este caminho que *Vícios e virtudes* se inscreve no confronto dialógico com a História, rompendo com os conceitos vinculados à tradição. A racionalidade passa a servir a uma outra afirmação que não a da ideologia dominante, seja ela resultante ou não da memória coletiva. O ceticismo e a

---

<sup>31</sup> MACEDO, Helder. *Vícios e Virtudes*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.30

iconoclastia se alojam, dessacralizando, como Lídia Jorge, espaços e idéias, revisando os próprios modelos nacionais estáveis.

Em *Vícios e virtudes*, o segundo autor/ narrador reconhece o sebastianismo como mitologia lusa e princípio eternamente vivo - e contrapõe-se a isso. Reconhece o seu eterno repetir-se como eterna espera, incorporando-se à identidade nacional e concretizando uma espécie de imobilismo alicerçado num insistente olhar voltado para o passado. E assume a sua interpretação de forma não apologética que se pode traduzir por uma espécie de desmitologização, abrindo espaço para uma outra possibilidade de reconhecimento da identidade nacional ou mesmo a recusa à identidade. “Ou então, sei lá, o nevoeiro sebastiânico é agora o mesmismo universal da globalização. Ou, se vale tudo, a globalização é já o Quinto Império traduzido em inglês[...]<sup>32</sup>

Aí, de fato, "o bônus é que acaba com o sebastianismo antes de começar", ele, o fato, a História, tem outros desdobramentos: "o problema é que é sobre gente que não é o que é. Que é e que não é. Sobre coisas que acontecem quando não acontecem." <sup>33</sup>

Assim, em Helder Macedo, o mito é produtor de ações e acontecimentos que se fazem protótipos eternos, contra o que luta, portando a frustração em relação à própria História e o que de alienação produz.

À descoberta do primeiro autor, o Francisco de Sá, o segundo contrapõe sua melancolia.

Diz o primeiro:

Ela (Joana, até porque o passado é masculino e o presente feminino) é a Pátria. A identidade nacional. [...] Mulher

---

<sup>32</sup> Idem. p.136

<sup>33</sup> Idem. p.236



moderna<sup>34</sup>. A Nova Nação. A parecer mais nova do que é [...] Tem de se lhe dar outro nome para o leitor não perceber logo. A Sombra<sup>35</sup>, porque é uma projeção de todos nós. Olha, aquilo que tu próprio disseste há pouco de ela ser feita de pedaços dos outros. Ou então a Noiva, porque continua à espera. Mas não é o Marido Velho quem ela espera. É o Noivo-Filho que já morreu. [...] A Negra é o antigo império. A descolonização porque já não parece negra. Por isso é que acompanha o Velho. Restos do passado de que ainda temos de nos liberar. [...]é preciso ter esperança no futuro. Olhar para a frente. Aí temos que mudar um pouco os fatos.<sup>36</sup>

Diz o segundo:

[...] Pena é que seja necessário modificar os fatos. O melhor é esperar por D. Sebastião quer venha quer não. Também já o dizia o Pessoa, não é? E nós a acreditarmos. O pior é que entretanto a vida continua com os fatos lá dela. E nós sem sabermos desejar o que há.<sup>37</sup>

O último e grande jogo especular proposto por Helder é sebastianismo *versus* globalização: em ambos, a identidade é apresentada como um mesmo nevoeiro. "De modo que agora", tanto do ponto de vista individual quanto nacional, "o resto é isto. Perguntas sem respostas. Mas talvez também, com alguma sorte, algumas respostas a perguntas que não foram feitas. Ao sim disfarçado em não. Tempo condicional."<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> Entenda-se, no texto, por mulher moderna, a mulher liberada, a que "pertence a um e a outro"

<sup>35</sup> Segundo Mielietinski é "o outro lado da alma", expressão da parte inconsciente não diferenciada do todo.

<sup>36</sup> MACEDO, Helder. *Vícios e Virtudes*. Rio de Janeiro: Record, 2002 p.234

<sup>37</sup> Idem. Ibidem.

<sup>38</sup> Idem. p.236

### **Desconstruindo para construir**

Nesta época de planetarização em larga escala, quando se renova o conceito de fronteira, deslocando-o para os fatores culturais; quando o conceito de nação deixa de ser universal para colocar-se sobre os fundamentos que formam a identidade; quando a globalização e o multiculturalismo disseminam um diálogo cultural monológico regido pela força do capital e do avanço da revolução tecnológica e das comunicações, o *saber-se quem* está lá. É assim quando a literatura alerta para a fragilidade de uma identidade quando condenada a um passado idealizado, eternamente presentificado ou, ainda, quando alerta para a fragilidade de uma identidade quando circunscrita a uma nova dependência sócio-cultural emanada de centros econômicos mais fortes. Pressupostos ancorados à idéia de que a vida está pronta, como em Lídia Jorge, ou de um tempo condicional, como em Helder Macedo.

É como ambos os escritores se ocupam da identidade, uma identidade permanentemente em revisão pelo respeito à História feita de histórias, as outras, as que eles contam, que, segundo Ruggiero Romano (1994), passa por que se possa construir modelos de interpretação do passado que possibilitem entender o presente, instaurando a liberdade para a construção da projeção do futuro e, mais do que isso, para a construção de uma nova percepção (e aqui parafraseio Helder Macedo) das circunstâncias e das pessoas. O pós-25 de Abril tornou enfim possíveis análises dessa ordem. Primeiro, da revisão da sua história imediata ao pós-colonialismo, de que Partes de *África*, de Helder Macedo, e de que *A costa dos murmúrios*, de Lídia Jorge são, como já afirmado, os melhores produtos. E, depois, e sobretudo, a permeação história/ficção pela renovação da narrativa, como forma-tema-exigência do pacto com o leitor, não pela gratuidade do ato de experimentação, mas pela busca mais próxima da representação do homem português do nosso tempo.

É assim em Lídia Jorge, quando denuncia o esvaziamento da identidade, tornando um tudo um nada; é assim em Helder Macedo, quando recusa uma identidade baseada apenas na tradição, mas o que tem à frente é nevoeiro, tal qual o passado, e coloca lado a lado o tudo e o nada.

Quer dizer, ambos os escritores põem em evidência todo o imaginário nacional que, ao longo da História, formou as configurações culturais de Portugal e do homem português, e o desconstroem. Agora, o passado deixa de ser bússola. A fortuna é a construção do futuro, ainda nevoeiro, ainda condicional, ainda, ainda no nosso tempo. E, nesse sentido, Lídia Jorge e Helder Macedo exemplares. Se para Guillén os grandes romances são ficções que não mentem, então é lícito dizer que os grandes romancistas são os que não nos enganam. São os capazes de, desbravando os avessos da História, falsificar a verdade para revelar quem verdadeiramente somos e tiram do nada o tudo.

## Referências

- CAMPELO, Álvaro ET alii. **Pós-colonialismo e identidade**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- CORREIA, Pedro Pezart. A descolonização. In: Portugal 20 anos de democracia. Lisboa: Printer Portuguesa, 1996.
- GOULD, Isabel, Partes de África: cartografia de uma identidade cultural portuguesa. In: **Luso-Brasilian Review**, 42, 2005.
- FORNOS, José L. Lída Jorge: territórios da paixão e da escrita. In: *ABRIL* – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Rio de Janeiro, 2, 2009.
- JORGE, Lída. **Combateremos a sombra**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- JORGE, Lída. **O vento assobiando nas gruas**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- JORGE, Lída. O jardim sem limites. Lisboa: Europa-América, 1995.
- JORGE, Lída. **O dia dos prodígios**. 6.ed. Lisboa: Europa-América, 1990.
- JORGE, Lída. **A costa dos murmúrios**. Lisboa: Europa-América, 1988.
- JORGE, Lída. **Notícia da cidade silvestre**. 6.ed. Lisboa: Europa-América, 1984.
- LOURENÇO, Eduardo. **Literatura e revolução. Colóquio Letras**, Lisboa, 78, 1984.
- LOURENÇO, Eduardo. **A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia**. Lisboa: Visão, 1994.
- MACEDO, Helder. **Natália**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.
- MACEDO, Helder. **Sem nome**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- MACEDO, Helder. **Vícios e virtudes**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MACEDO, Helder. **Pedro e Paula**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- MACEDO, Helder. **Partes de África**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

MACEDO, Helder. Jane Tutikian entrevista Helder Macedo. In: *Conexão Letras*, Porto Alegre, 4, p. 95, 2009.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

REIS, Carlos. Lídia Jorge: Em busca do final feliz. Trabalho de casa. In: *JL. Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano XXIII / número 858. De 20 de agosto a 2 de setembro de 2003.

ROMANO, Ruggiero et alii. **Cultura e identidad nacional**. Mexico: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Fondo de Cultura Económica, 1994.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Caminhos da ficção**. Salvador: SCT, 1996.

TUTIKIAN, Jane. **Inquietos olhares: A construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.